

ORIGEM, ASCENSÃO E DECADÊNCIA DAS CERVEJARIAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: UM RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL DO SÉCULO XIX E XX.

Tiaraju Salini Duarte

Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Ciências Humanas
tiaraju.ufpel@gmail.com

William Martins Lourenço

Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Ciências Humanas
willilou@gmail.com

Guilherme Fontana

Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Ciências Humanas
memifontana@gmail.com

RESUMO

A produção de cerveja no Brasil apresenta-se como uma importante base econômica relacionada a diversos setores. Neste contexto nacional, destacam-se como centros produtores de cerveja a região Sudeste e Sul do território brasileiro. No que tange a região Sul, o estado do Rio Grande do Sul possui o maior número de empresas deste setor. Diante deste contexto, o presente artigo objetiva analisar a produção cervejeira neste estado, desde sua origem no século XIX até sua decadência ao longo da segunda metade do século XX. Pode-se constatar que a produção de cerveja transpassa três períodos: (1) a gênese, relacionada a imigração alemã no início do século XIX; (2) a expansão da produção e a passagem de um sistema artesanal/familiar para uma logística industrial no final do século XIX; e, por fim, (3) a decadência da produção com a entrada do capital oriundo da região Sudeste. Após análise dos dados, conclui-se que a produção de cerveja no Rio Grande do Sul passou por diversas fases e, mesmo representando um dos principais pólos produtivos, possui desafios relativos a pensar este setor nos próximos anos.

Palavras-chave: Cervejarias. Rio Grande do Sul. Geografia Histórica. Produção Industrial.

ORIGIN, RISE AND DECAY OF BREWERIES IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL: A TEMPORAL CUT IN THE XIX AND XX CENTURY PERIOD.

ABSTRACT

The production of beer in Brazil appears as one of the most important economic basis in industry, associated in several sectors. In this national context, we emphasize the Southeast and South regions of Brazilian territory as the principal core of beer production. Regarding the South region, the state of Rio Grande do Sul holds the highest numbers in companies in this sector. In the face of this situation, the main purpose of this article is to analyze the brewery production of this state, since its beginnings in the XIX century until the second half of the XX century. The production of beer goes through three periods: (1) the genesis, related to the German immigration in the beginning of the XIX century; (2) the expansion of production, therefore a transition in family culture production to industry logistics in the late XIX; and, lastly, (3) the decay in production with the inclusion of capital deriving from the Southeast region. Following analysis of data, the conclusion is that the production of beer in Rio Grande do Sul went through several phases and, even representing one of the major centers of industry production, holds its own challenges on thinking this sector within the next few years.

Keywords: Breweries. Rio Grande do Sul. Historical Geography. Industrial production.

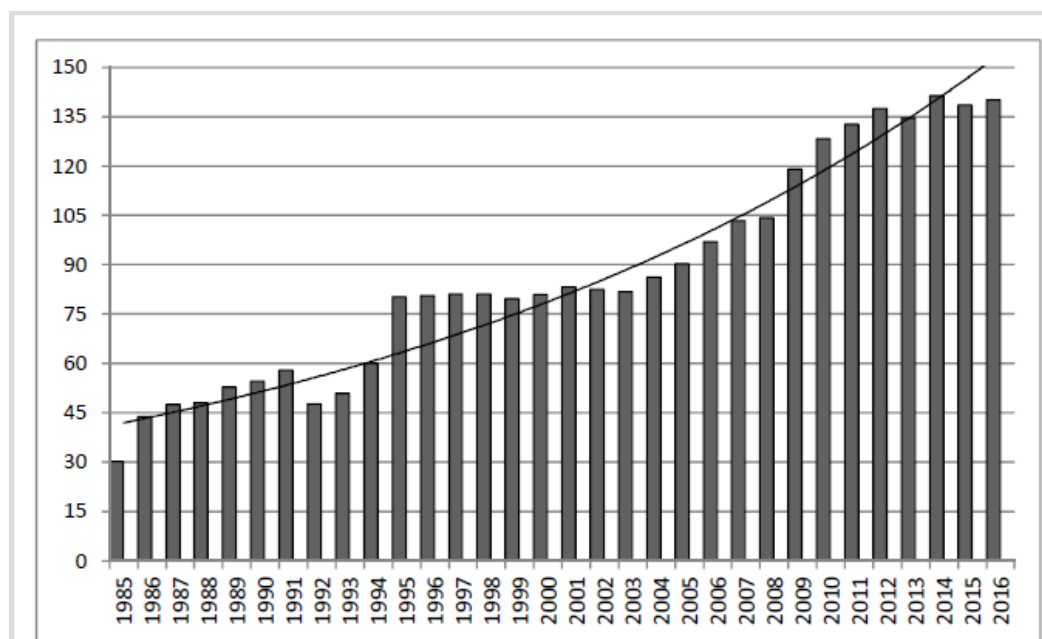
INTRODUÇÃO

A produção de cerveja no Brasil caracteriza-se como um dos principais pontos de referência industrial do território nacional na atualidade. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria da Cerveja

(CERVBRASIL, 2018), o setor é responsável por aproximadamente 1,6% do Produto Interno Bruto, tendo um rendimento anual de 77 bilhões de reais.

Ainda destaca-se uma vasta rede de serviços que se estende desde a agricultura, passando pela indústria até chegar ao comércio e serviços em geral. Neste contexto de expressividade econômica, a produção vem apresentado um aumento exponencial nos últimos 21 anos no Brasil, conforme gráfico 01.

Gráfico 01 - Produção nacional de cerveja em milhões de hectolitros por ano.



Fonte - MARCUSO (2017, p. 02)

Os dados extraídos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), compilados por MARCUSO (2017) demonstram que no ano de 2016 o setor atingiu o montante de 140 milhões de hectolitros (mi hl), sendo o terceiro maior produtor do mundo. Mesmo com certas volatilidades da produção, derivados de conjunturas econômicas internacionais, de maneira geral, podemos aferir que existe uma curva exponencial de crescimento.

Além do aumento da produção, o número total de cervejarias também vem crescendo nos últimos anos, como se pode constatar a partir dos dados do MAPA (2018) quando avalia que no ano de 2010 haviam em torno de 100 cervejarias cadastradas, já em 2018, o número total chega a 889 registros de uma significativa suba no interesse de produção. Se há crescimento na área da produção, consequentemente, também há crescimento em seu consumo; é o que revelam os dados do CERVBRASIL (2018), os quais apontam para um significativo mercado consumidor de cerveja no país e o leva ao 24º colocado mundial do consumo da bebida.

Neste contexto nacional, com uma expressiva concentração, destacam-se como centros produtores a região Sudeste e Sul do território brasileiro. Com base nos dados do Anuário das Cervejas Brasileiras (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2018), fica evidente a centralização do setor, pois cerca de 80% da produção encontra-se no eixo Sul-Sudeste, sendo os principais estados Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

Com relação ao estado gaúcho, é no Rio Grande do Sul que concentra-se o maior número de empresas registradas, possuindo um total de 186 cervejarias (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2018). Mesmo com números positivos do setor nos últimos 20 anos, torna-se necessário refletir que até o início da década de 1990 as empresas produtoras de cerveja, originárias do Rio Grande do Sul, encontravam-se em decadência devido, principalmente, ao predomínio das grandes companhias de porte nacional e internacional que dominam a produção e o mercado cervejeiro.

Em uma abordagem retrospectiva do setor no estado, a produção cervejeira transformou-se ao longo do tempo, construindo características próprias que foram basilares para a formação territorial das primeiras cervejarias no Brasil. O autor Sergio de Paula Santos (2004, p. 18) ressalta que existem poucos registros da história cervejeira em sua gênese, contudo, um dos principais marcos da produção na sua origem encontra-se nas áreas de colonização alemã do Rio Grande do Sul no século XIX.

Desde a gênese produtiva, o estado passou por uma série de momentos atrelados ao labor da cerveja, isto é, ao longo do século XX vivenciou-se um processo de crescimento das empresas de capital gaúcho e parte significativa desta produção, todavia, foi perdendo espaço devido à inserção de empresas nacionais e internacionais no mercado Rio-grandense, as quais levaram parte do setor cervejeiro do estado à falência, principalmente na passagem da primeira para a segunda metade do século XX.

Diante desse contexto de significativa importância na construção econômica do estado do RS e para a concepção da história do setor cervejeiro no Brasil, o presente trabalho possui como objetivo geral analisar a produção cervejeira no estado do Rio Grande do Sul, desde sua gênese até sua decadência ao longo da segunda metade do século XX, buscando compreender as dinâmicas espaciais que levaram a este processo.

METODOLOGIA

O presente artigo é um dos resultados do projeto de pesquisa “Territórios microcervejeiros no estado do Rio Grande do Sul: uma análise do Circuito Espacial de Produção e do Círculo de Cooperação Econômica”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ): Geografia Política, Geopolítica e Territorialidade. Neste sentido, para o desenvolvimento deste artigo, foi estabelecido como procedimento metodológico, no primeiro momento, uma revisão bibliográfica acerca da formação das cervejarias no Rio Grande do Sul. Para realizar esta análise, buscou-se informações acerca do setor por meio de diversas fontes documentais, por exemplo: livros, websites, jornais impressos, revistas científicas, dados oficiais, entre outros. Destacamos que, ao longo da pesquisa, evidenciou-se uma significativa dificuldade em obter fontes documentais e bibliografias relativas a história das cervejarias no Rio Grande do Sul, demonstrando a necessidade de pesquisas sobre este setor no estado.

Como perspectiva teórica, este estudo alinha-se com a Geografia Histórica, na qual busca-se aportes metodológicos para a realização de recortes temporais, a partir das características específicas de cada momento. Neste sentido, visamos compreender as geografias do passado cervejeiro gaúcho e suas dinâmica, contemplando uma narrativa e, por sua vez, uma análise científica para além da descrição exaustiva e mnemônica dos fenômenos, levando em consideração que a geografia histórica procura analisar a organização espacial de cada momento e, assim, possibilitando construir um olhar crítico sobre o processo temporal.

Como recorte, debruçamos-nos sobre três pontos que caracterizam a história cervejeira no Rio Grande do Sul: O primeiro, denominado de gênese da produção, possui como base as estruturas familiares dos imigrantes alemães; o segundo, demonstra a ascensão da produção de cerveja originária no estado (de capital local) e a formação das empresas de médio e grande porte deste setor; por fim, o terceiro recorte analisa a decadência das cervejarias Sul-Rio-grandenses na segunda metade do século XX.

Destacamos, com afirmação Ciavatta (2009, p.86), que periodizar não é somente datar, pois cada momento é construído de conteúdos e dinâmicas espaciais próprias, tendo em vista que “uma porção do tempo não é apenas uma ordenação arbitrária; é uma determinada porção da história com coloridos e matizes próprios”, para a qual possui, em relação a espaço/tempo, características ímpares que conversam e organizam-se com os outros recortes. Desta maneira, a periodização na presente pesquisa não objetiva uma homogeneização dos fenômenos territoriais, embora houve a necessidade de elencarmos algumas características de ruptura que nos servem como guia para a análise histórico-geográfica.

Por fim, recorreremos ao processo de espacialização do fenômeno encontrado na sua origem e ascensão por meio do mapeamento das principais áreas produtivas no estado oriundas dos períodos analisados. Para isso, construímos dois produtos cartográficos: o primeiro tem como foco a origem e sua possível mancha de expansão da produção cervejeira; e, o segundo, busca localizar os polos industriais que consolidam este setor no Rio Grande do Sul, no início do século XX. Para a confecção desses produtos

foi utilizado a base cartográfica do IBGE em conjunto com a divisão regional proposta pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A GÊNESE DAS CERVEJARIAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: A PRODUÇÃO FAMILIAR E A IDENTIFICAÇÃO SIMBÓLICA COM O PRODUTO

Ao longo da formação do território nacional, a principal bebida era obtida a partir da fermentação da cana-de-açúcar, sendo a cerveja reservada a classes sociais que possuíam capital para adquirir este produto importado diretamente da Europa. O aumento do interesse sobre a cerveja no Brasil e sua inserção em maior escala ocorre, principalmente, a partir da abertura dos portos brasileiros no ano de 1808 às “nações amigas”, em conjunto com a chegada da família Real Portuguesa.

Este evento possibilita a vinda de comerciantes que buscam no território nacional a inserção de diversos produtos, já que para os britânicos os impostos de importação eram menores em relação aos demais países. Em decorrência à abertura dos portos e o livre comércio atrelado ao fim do monopólio colonial, no início do século XIX, constata-se um domínio produtivo deste setor a partir de empresas originárias da Inglaterra, abarcando, ainda neste momento, a parcela mais abastada, em termos econômicos, da população nacional. A conjuntura irá transformar-se a partir do movimento de desterritorialização das populações europeias não ibéricas e sua reterritorialização no Brasil, e essa nova organização será considerada como um dos principais marcos para o início da produção de cerveja em escala artesanal/familiar.

Com a chegada dos imigrantes, principalmente alemães, aos centros urbanos do Sudeste e o deslocamento destes para as áreas de colônias, na região Sul por exemplo, configuram-se novas relações produtivas, tendo em vista o conhecimento destes atores com os processos industriais existentes na Europa e sua possível reprodução no Brasil. Com relação à produção cervejeira, algumas empresas familiares vão surgir nos centros e nas regiões periféricas do Estado. O primeiro documento a relatar a produção de cerveja nacional voltada para o comércio é o anúncio de uma empresa localizada no Rio de Janeiro no “Jornal do Comércio”, datado do dia 27 de outubro de 1836 (PAULA et al. 2012)

No cenário do Rio Grande do Sul da época, o isolamento das colônias dificultava o acesso aos produtos originários dos centros urbanos em regiões periféricas do território nacional de tal forma que se tornou factual para sua população a produção de determinados bens voltados a sua subsistência. Com o surgimento desta necessidade, temos a origem de cervejarias familiares como possibilidades locais para suprir as demandas.

No estado em questão, somente a partir do século XIX é que existem dados sobre a gênese das cervejarias (concomitante com o início da popularização desta bebida no Brasil) vinculados, em grande parte, à imigração alemã. A colonização deste grupo étnico no Rio Grande do Sul tem como data originária o ano de 1824, quando se tem o registro de instalação da primeira colônia de imigrantes na região denominada de Vale dos Sinos.

O isolamento territorial destes empreendimentos gerava uma série de problemas para o seu próprio desenvolvimento, como atesta o autor Celso Furtado (1959, p. 127): “a vida econômica das colônias era extremamente precária, pois, não havendo mercado para os excedentes de produção [...] a colônia regredia a um sistema econômico rudimentar de subsistência”.

A distância frente aos grandes centros, a política de colonização que não cumpria com o prometido e a dificuldade de acesso a bens primários criaram uma série de empecilhos para a instalação das colônias na sua origem, todavia, como afirma Brum Neto (2012), mesmo com estes problemas, as regiões construíram suas próprias dinâmicas e prosperaram ao longo do tempo.

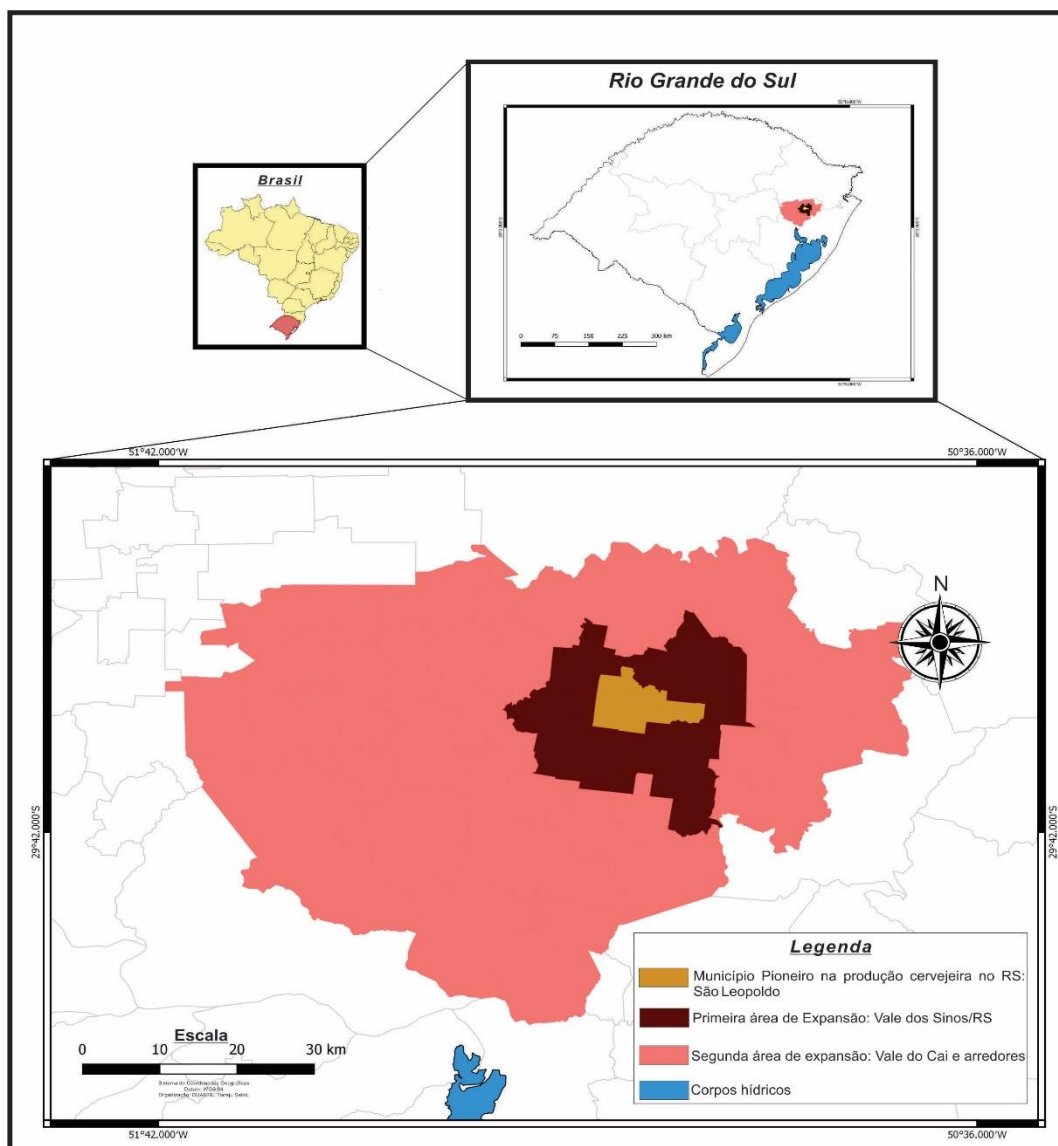
Neste processo de resistência, os imigrantes se apegam aos seus saberes e formam grupos que buscam reproduzir suas simbologias culturais; entre elas, destaca-se o labor de cerveja. A produção que ocorria em uma microescala de cunho familiar /artesanal ganha tamanha importância que o estado passa a incentivar o plantio da cevada como uma cultura de base: “enquanto o trigo e o centeio não se constituíram como produtos essenciais para os alemães no Rio Grande do Sul, a cevada, por ser a matéria-prima de fabricação da cerveja, teve incentivos governamentais para sua produção, dentre os quais destaca-se o fornecimento de sementes” (BRUM NETO, 2012, p. 143). Porém, conforme a

própria autora relata, a cevada tornou-se um produto secundário comparado à cana-de-açúcar, fumo, batata inglesa, soja, milho, entre outros.

Mesmo a cevada relegada a uma produção de segunda importância na colônia nos anos referentes a sua origem produtiva, a imigração alemã no Rio Grande do Sul apresenta-se como um evento que modifica a estrutura produtiva no estado. De acordo com Santos (1996, p. 115), “o evento é um veículo de uma ou algumas das possibilidades existentes no mundo, na formação socioespacial, na região, que se depositam, isto é, se geografizam no lugar”. E isto significa compreender o fenômeno da imigração, dado neste contexto pela imigração alemã, como algo adjacente ao crescimento de produção tanto em termos econômicos como em termos culturais para a região.

A “geografização” do lugar, a partir da organização produtiva cervejeira familiar, possibilitou uma situação de apego/resistência no Rio Grande do Sul criada pelos imigrantes alemães. Logo, este produto desenvolve no imaginário deste grupo étnico um vínculo com outro espaço-tempo, construindo uma ressignificação do seu próprio ser, e, até mesmo, uma reafirmação da identidade em um processo de reconstrução simbólico-cultural das suas origens. Diante deste contexto dos imigrantes, no município de São Leopoldo e entorno temos a gênese da produção de cervejas por volta dos anos de 1820/30 (figura 01).

Figura 01 - Localização da primeira região produtora de cerveja do Rio Grande do Sul.



Fonte: AUTORES (2019).

A figura 01 demonstra que a localização das primeiras cervejarias no Rio Grande do Sul está concentrada nas regiões do Vale do Sinos, estendendo-se posteriormente para o Vale do Caí. Estes exemplos históricos evidenciam a relação entre os imigrantes alemães, localizados em pequenas comunidades, e a produção familiar/artesanal.

Não foi possível avaliar a delimitação precisa da área de produção/expansão da cerveja devido à ausência efetiva de dados que contribuam para compreendê-la. Não obstante, podemos relacionar a origem produtora com a primeira localização dos imigrantes alemães no estado, possibilitando, assim, construir uma delimitação aproximada da região, a qual possivelmente originou a produção de cerveja no Rio Grande do Sul. Neste sentido, o município de São Leopoldo aparece como o centro primário; no seu entorno surge uma mancha de expansão que logo se estendera para toda a área do Vale dos Sinos e Vale do Caí.

Ao longo da segunda metade do século XIX ocorre um aumento de consumo de cerveja derivado de uma série de fatores (aumento no número de imigrantes, concentração populacional, diversificação produtiva, acesso ao produto, entre outros). Deste crescente, temos o aumento da produção, a qual, conseqüentemente, ocasiona uma transformação na lógica espacial relacionada à migração de um sistema artesanal/familiar voltado para a subsistência, para um sistema industrial propriamente dito.

Este movimento ocorre a partir década de 1860/70 com o deslocamento produtivo para as proximidades dos núcleos urbanos maiores e a especialização deste processo. Da produção familiar de cerveja, localizadas muitas vezes nas residências dos produtores no espaço rural, surgem as cervejarias industriais urbanas, voltadas ao abastecimento do mercado gaúcho em ascensão. Contudo, cabe ressaltar que este recorte não representa o fim da produção familiar local, todavia temos a escalada deste setor a partir da consolidação de cervejarias de maior porte no estado.

ASCENSÃO E CONSOLIDAÇÃO DA PRODUÇÃO CERVEJEIRA: AS INDÚSTRIAS GAÚCHAS DE MÉDIO E GRANDE PORTE.

Após a gênese das cervejarias centradas na escala local, ao longo da segunda metade do século XIX temos incentivos industriais voltados à expansão produtiva, originando empresas de médio e grande porte deste setor. A produção de Friederich Christoffel e Georg Heinrich Ritter (nos anos de 1860) exemplificam este movimento, pois os mesmos são pioneiros na fabricação em maior escala de cerveja no estado, tendo como foco de mercado a região do Vale dos Sinos, Vale do Caí e estendendo-se até o município de Porto Alegre.

Além da centralidade de mercado nestas localidades, ao sul do estado um novo polo industrial emerge: o município de Pelotas. Este, ao longo do século XIX, foi referência econômica por possuir um mercado consumidor latente e uma concentração populacional que figurava entre 25 e 50 mil habitantes, segundo dados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2019).

No ano de 1876, no município de Pelotas, foi fundada a empresa Carlos Ritter e Irmão, a qual produzia cervejas Pelotense (branca e preta), cerveja estilo Pilsen, Ritter Brau Preta e Maerzen. Além de cervejas, produziam gelo, as gasosas Popular e Siffon e também a água mineral Celeste (ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS, 2012). No início do século XX a Carlos Ritter e Irmão representava uma das maiores cervejarias do Brasil, com um total de produtividade em torno de 4,5 milhões de garrafas por ano.

No ano de 1889, Leopoldo Haertel, também descendente de imigrantes alemães localizados originalmente na região de São Leopoldo, muda-se para Pelotas, fundando a Cervejaria Sul-Riograndense. A indústria de Haertel fabricava as cervejas “Peru”, “Porco” e “São Luiz”. Também produzia águas gasosas de “syphon” e gelo (ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS, 2012). Como estava situada na região portuária do município, possuía ponto estratégico para melhor funcionamento logístico da cervejaria, não só para o deslocamento da produção, mas também facilitando o recebimento de matéria prima.

Em 1911, esta empresa alcançou a produção de “6 milhões de garrafas por ano, além de gelo e gasosas, empregando 250 operários” (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006). Com estes dois empreendimentos, temos a consolidação de Pelotas como um dos principais polos produtivos de cerveja no final do século XIX e início do XX, abastecendo não só o mercado Sul do estado como também a capital.

Retornando a Porto Alegre, em 1879 surge Cervejaria Sassen e no ano de 1881 é fundada na capital gaúcha a empresa Bopp, a qual instalou-se na Rua Voluntários da Pátria, no bairro centro da capital. Com seu crescimento, em 1886 muda-se para a Rua Cristóvão Colombo, tornando-se vizinha da

Cervejaria Sassem e formando a gênese de uma concentração industrial que começava a se desenhar no município.

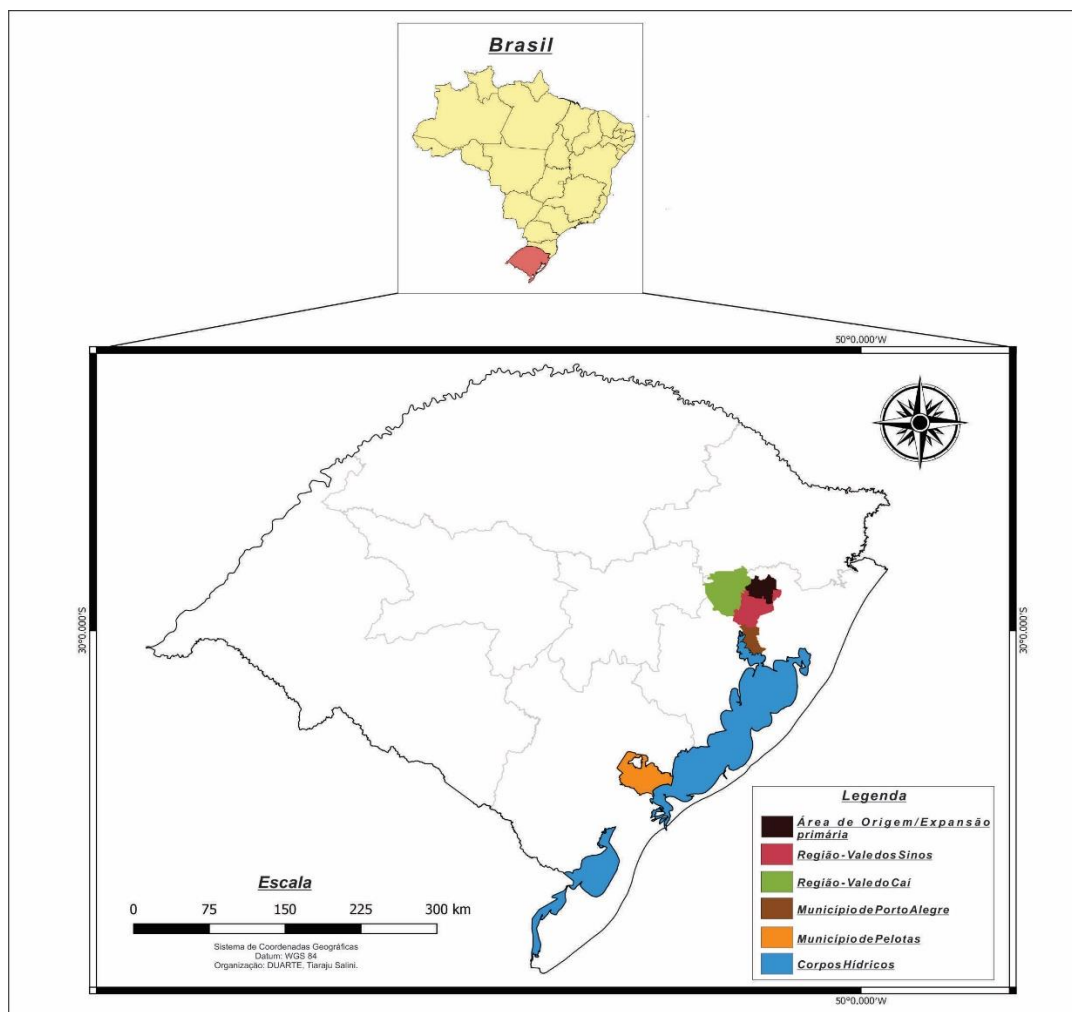
O sucesso com a fabricação de cervejas e produtos similares no final do século XIX foi eminente. A construção e expansão dos horizontes econômicos/geográficos no estado, durante o século, trouxeram um avanço significativo para a economia do Rio Grande do Sul e solidificou o setor. Com a crescente produção e procura para um mercado mais diverso, no ano de 1888 temos a mudança de Heinrich Ritter também para a município de Porto Alegre.

Em 1888, mudou-se para Porto Alegre para auxiliar sua prima na administração da cervejaria Becker. A partir de 1894, passou a administrar a própria cervejaria no Bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre. Em 1906, Henrique e os filhos transferem a fábrica para a Rua Voluntários da Pátria e a razão social passou a ser "H. Ritter & Filhos". (PREFEITURA DO MUNICÍPIO LINHA NOVA, 2015)

O deslocamento da produção para Porto Alegre acompanha um movimento relacionado à busca por maiores mercados consumidores e à facilidade logística para chegar a estes. Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2019), o município de Porto Alegre contava com cerca de 43.998 e São Leopoldo com 30.860 em 1872. Já no censo de 1900 a capital representava em torno de 73.674 habitantes, transformando-se em um grande centro comercial/populacional.

A preponderância da concentração no eixo Sul (Pelotas) no eixo original (Vale dos Sinos e Vale do Caí) e na capital do estado (Porto Alegre) no início do século XX remete à concentração comercial e à hierarquia econômica/industrial que estava consolidada no estado, conforme representa a figura 02.

Figura 02 - Localização dos principais pólos de produção de cerveja no Estado do Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do XX.



Fonte - AUTORES, 2019.

Santos (2006, p. 35) afirma que a organização da estrutura produtiva e industrial no Brasil, na passagem do século XIX para o XX, demonstra uma clara relação entre produção e localização populacional. Logo, este conjunto de possibilidades espaciais constrói toda a esfera econômica e política que possibilitará o desenvolvimento das cervejarias de médio e grande porte nestas localidades. Pesavento (2014) vai ao encontro desta perspectiva ao destacar que a indústria gaúcha era diversificada neste período, voltada ao abastecimento interno e apresentando uma concentração geográfica.

Com as empresas Christoffel, Ritter, Sassen e Bopp (Vale dos Sinos, Vale do Caí e Porto Alegre), Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul-Riograndense (Pelotas) temos a construção de um dinamismo que revela uma integração entre o setor agrícola, industrial e comercial no estado voltado às cervejarias de capital rio-grandense. O sucesso desta logística produtiva reverberara ao longo da primeira metade do século XX, culminando com a expansão do setor.

Um dos principais movimentos, posterior à formação industrial, foi a união de capitais em busca de maiores fatias do mercado regional e nacional. No ano de 1924, a cervejaria Ritter uniu-se com outras duas empresas familiares: a Bopp e a Sassen, transformando-se na empresa de razão social denominada Bopp, Sassen e Ritter & Cia. Ltda, a qual adotou o nome comercial “Cervejaria Continental”. Esta formação será um grande marco histórico da ascensão fabril de produção cervejeira com capital local no estado do Rio Grande do Sul, o qual alcançava patamares produtivos nacionais.

Destacamos que um dos motivos desta fusão decorre das mudanças no mercado nacional e a concorrência com outras empresas, principalmente Brahma e Antártica, que se consolidavam no eixo Rio-São Paulo e expandiam-se. A unificação do capital foi uma tentativa de sobreviver a uma conjuntura econômica que começava a se delinear nos finais da primeira metade do século XX: a preponderância das cervejarias do Sudeste no mercado brasileiro.

Mesmo em um cenário competitivo com o centro econômico da região sudeste, evidenciamos o apogeu da produção cervejeira e a hegemonia da empresa Continental no mercado sulino durante e após 1920. Esta empresa tornou-se o maior grupo cervejeiro do estado do Rio Grande do Sul, com grande capacidade de produção e atendendo os rótulos das três cervejarias que participaram da fusão. No total, segundo pesquisa da autora Juliana Salles Madeira (2015), a cervejaria tinha capacidade de produzir 120 mil garrafas por dia. Esta conjuntura favorável à produção e o mercado em crescente expansão consolida e ao mesmo tempo cria rivais competitivos, os quais vão entrar no mercado Rio-Grandense nos anos subseqüentes.

A DECADÊNCIA DA PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO RIO GRANDE DO SUL E A MONOPOLIZAÇÃO DO MERCADO BRASILEIRO.

Para entendermos o processo de decadência das cervejarias de capital gaúcho no Rio Grande do Sul é necessário analisar a trajetória da produção de cervejas na escala nacional no final do século XIX e início do XX. Neste período, emergem as duas maiores companhias do setor no Brasil: a Companhia Antártica Paulista e a Companhia Cervejaria Brahma.

Em 1885, ocorre a fundação da Companhia Antártica Paulista, no município de São Paulo e quatro anos após a fundação, a cervejaria já anunciava, no jornal intitulado “A Província” (atualmente, o Jornal Estado de São Paulo), a venda de seu produto: “Cerveja Antártica, em garrafa e barril, encontra-se à venda no depósito da fábrica, à rua Boa Vista, nº 50” (ANTARTICA, 2018).

No ano de 1888, temos o nascimento da Companhia Cervejaria Brahma e seu fundador o suíço Joseph Villiger. O suíço estabelece uma pequena oficina com o nome de “Manufatura de Cerveja Brahma & Villegger & Companhia”, na rua Visconde de Sapucaí, Rio de Janeiro – RJ. Após seis anos, em 1894, Joseph Villiger, da Brahma, associa-se com a Cervejaria Georg Mascke & Cia, aperfeiçoando a produção.

No início do século XX, no ano de 1911, a Companhia Antártica Paulista inaugura a primeira filial em Ribeirão Preto. Nesta mesma visão de expansão de mercado e produção, a Companhia Cervejaria Brahma, no ano de 1918, já contava com seis marcas de refrigerantes e adquire, dez anos depois, a Companhia Guanabara de São Paulo, marcando, assim, o início da produção de cerveja Brahma Chopp no estado. No ano de 1934, a Brahma já atingia uma produção de 30 milhões de litros de cerveja.

Ao tomarmos como exemplo a empresa Antártica, no ano de 1960, com 75 anos de história, a capacidade de produção (envolvendo cervejas e refrigerantes) cresceu cerca de 200 vezes, atingindo 3,9 milhões de hectolitros/ano. Podemos perceber o nascimento de dois conglomerados industriais no Brasil, os quais aumentavam seu capital, expandindo-se a partir da aquisição de empresas no território nacional ao longo do século XX.

Conforme destaca Limberger (2017, p. 98), a origem e expansão destas empresas está correlacionada a uma política que tem como principal estratégia a “compra de outras cervejarias concorrentes e de investimentos em novas fábricas em outras regiões do Brasil”. Neste sentido, seu poder de capital, somado à concentração populacional, ao aumento do consumo na época e às estratégias de compra/instalação em diversos estados brasileiros foram fatores cruciais para a expansão destas empresas.

O autor Paul Singer (1973) analisa que a unificação do mercado nacional, a partir da centralização da produção no século XX, contribuiu para a concentração do capital na região Sudeste.

Na medida em que as empresas se concentram espacialmente, o mercado para cada uma se amplia, possibilitando assim maior concentração empresarial do capital e na medida em que esta se dá as vantagens da concentração espacial se acentuam [...] no Brasil a concentração espacial do capital se deu primordialmente em São Paulo. (SINGER, 1973, p. 123)

As características elencadas pelo autor denotam que já existia um parque industrial consolidado na região, de capital oriundo do ciclo da cafeicultura, forte atividade comercial e concentração populacional. Celso Furtado (2003) contribuiu com esta discussão, ressaltando que o processo de industrialização, mesmo iniciando em praticamente todas as regiões brasileiras ao longo da história, tendeu a concentrar-se efetivamente na região Sudeste, tendo como grande locomotiva o estado de São Paulo.

O capital concentrado nesta região possibilitou um processo de expansão de empresas em busca de novas frentes de capitalização em diversas regiões brasileiras. Nesta conjuntura, na década de 1940 temos a aquisição da cervejaria Continental no Rio Grande do Sul pela empresa Brahma, configurando um dos principais marcos da decadência das cervejarias de capital estadual. Após a aquisição, a produção de cerveja se manteve no prédio da antiga indústria Continental, agora sob o nome de Brahma até o ano de 1998.

No município de Pelotas na década de 1940 ocorre um fenômeno semelhante: as cervejarias Carlos Ritter & Irmão e Cervejaria Sul-Riograndense são compradas pela empresa Brahma e transformadas em depósitos. O autor Conceição (2015) ressalta que esta foi uma das estratégias usadas pelos grandes conglomerados de bebidas da época para acabar com a produção local.

Limberger (2017, p. 98) contribuiu com esta análise ao relatar que as cervejarias menores do estado gaúcho foram minuciosamente com o processo de expansão produtiva das empresas do Sudeste, “em decorrência da dificuldade de concorrer com as empresas Antártica e Brahma, melhores localizadas e tecnologicamente superiores”.

Com a entrada deste capital temos aquisições, fechamento de empresas e/ou redução da produção, dando origem a uma significativa decadência/esquecimento da produção de capital local de cervejas. As empresas de pequeno porte viam-se incapazes de competir com esses grandes conglomerados, levando muitas à falência. Além disso, as que se estruturavam eram adquiridas pelo capital oriundo das empresas do Sudeste, como fica evidente na tabela 01, a qual destaca as empresas gaúchas compradas ao longo do século XX.

Tabela 01 - Aquisição de cervejarias pelas empresas Antarctica e Brahma após 1950 no Rio Grande do Sul.

Empresa	Ano	Tipo de relação comercial	Nome da empresa	Localização
Brahma	1940	Aquisição	Carlos Ritter & Irmão	Pelotas
Brahma	1940	Aquisição	Cervejaria Sul-Riograndense	Pelotas
Brahma	1944	Aquisição	Cervejaria Continental	Porto Alegre
Antarctica	1972	Aquisição	Cervejaria Polar	Estrela/RS
Antarctica	1973	Aquisição	Cervejaria Pérola	Caxias do Sul/RS
Antarctica	1980	Aquisição	Cervejaria Serramalte	Getúlio Vargas/RS e Feliz/RS

Fonte - LIMBERGER, (2015, p. 110). Organizado pelos autores.

As cervejarias do Rio Grande do Sul foram pouco a pouco sendo adquiridas ou se fundindo ao grande conglomerado industrial do eixo Rio-São Paulo. Destacamos que diferentemente de produtos especializados e produzidos em determinadas regiões específicas, sem grandes concorrentes nacionais (como o vinho na região da denominada Serra Gaúcha), o setor cervejeiro no Rio Grande do Sul competia desde o início do século XX diretamente com um grande centro de produção, sendo ao longo dos anos subsequentes desarticulado.

As aquisições representam estratégias de domínio territorial sobre a estrutura produtiva/mercadológica construída pelas empresas Brahma e Antarctica ao longo do século XX no Brasil e, estendida posteriormente para outras partes do mundo. Nesta maquiavélica forma de controle, as cervejarias locais gaúchas seguiram a tendência nacional e foram relegadas a fechar ou a cair no anonimato até a sua reestruturação ao longo da década de 1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de cerveja no Brasil apresenta-se como uma importante base econômica relacionada a diversos setores, sendo responsável por movimentar significativas quantias de capital que permeiam desde agricultura, indústria até o comércio em geral. Este cenário encontra na realidade um paradoxo, pois, mesmo possuindo um número elevado de empresas em crescente desenvolvimento e expansão, o processo produtivo (em sintonia com a característica do mercado) apresenta uma concentração econômica em torno de quatro grandes companhias, construindo um oligopólio do setor.

Esta problematização, que gera na atualidade diversos conflitos territoriais, é correlacionado a uma histórica disputa entre atores pequenos, médios e grandes que visam abarcar determinada fatia do mercado. Nesta seara, alguns estados ganharam relevância para este setor na sua origem, todavia entraram em declínio ao longo do século XX; entre esses destaca-se o estado do Rio Grande do Sul, um dos berços das cervejarias no Brasil.

Diante deste contexto é que elencamos nosso objetivo geral, o qual buscou analisar a produção cervejeira no estado do Rio Grande do Sul, desde sua gênese até sua decadência ao longo da segunda metade do século XX. A partir deste ponto nodal, para fins analíticos, dividimos a presente pesquisa em três grandes momentos: a *gênese*, *ascensão* e *decadência* da produção cervejeira de capital eminentemente Rio-grandense.

Tendo como pedra angular este movimento de organização produtiva ao longo do tempo, demonstramos que a gênese permeia o início do século XIX, vinculado a imigração alemã para o estado

do Rio Grande do Sul. A origem correlaciona-se a fabricação em pequena escala, ligada ao movimento de desterritorialização das famílias nos antigos estados que formavam a confederação germânica, em conjunto com a reterritorialização destes atores no Brasil.

Neste processo, uma série de dificuldades relacionadas à instalação foram se apresentando e, na tentativa de manter-se/sobreviver nos novos locais, estes atores construíram estratégias adaptativas centradas no retorno a atividades que, no imaginário social, possibilitavam uma identificação com o espaço/tempo de outrora. Logo, o processo produtivo da cerveja no estado do Rio Grande do Sul está intimamente vinculado, na sua origem, a estes imigrantes, os quais estabeleciam um vínculo de ligação identitária com o produto, ou seja, criavam laços simbólicos-culturais com a elaboração da cerveja na tentativa de reconstruir experiências anteriormente vividas.

Ao longo da pesquisa, podemos evidenciar que alguns nomes ficaram marcados como os precursores deste movimento. Destacamos no ano de 1824 Ignácio Rasch em São Leopoldo; Georg Heinrich Ritter no ano de 1846 no município de Linha Nova; Friederich Christoffel no ano de 1864 em Porto Alegre; Heinrich Ritter, filho de Georg Heinrich Ritter, no ano 1876, no município de Pelotas, entre outros.

Foi possível compreender no decorrer da pesquisa que gênese produtiva centra-se nos entornos dos municípios de São Leopoldo, na região do Vale dos Sinos, expandindo-se posteriormente para uma segunda região (Vale do Caí e arredores). O movimento espacial da produção denota que, para além efetivamente dos laços simbólicos que se materializavam ao longo da passagem do século XIX para o XX, existe uma transposição/articulação econômica que emerge da produção voltada para a subsistência.

O aumento das levas de imigrantes que chegavam, o êxodo rural, o acréscimo populacional nos centros urbanos (como nos demonstra os levantamentos populacionais dos municípios de Porto Alegre e Pelotas da época) entre outros motivos, ocasionam uma ampliação da demanda por este produto. Por conseguinte, constata-se a passagem (a qual não elimina a produção familiar) de uma escala produtiva local para uma escala industrial/regional.

Ficou evidente também ao longo da análise uma significativa mobilidade espacial da produção cervejeira em busca de novos mercados, sendo o primeiro movimento no sentido Vale dos Sinos para a região denominada de Vale do Caí e arredores, após para o município de Porto Alegre e, posteriormente, um deslocamento para um dos principais centros produtivos e econômicos do estado neste período, o município de Pelotas na região sul. Esta nova configuração espacial demonstra a busca por mercados e a necessidade de a produção estar próxima ao consumidor.

Nesta conjuntura, demonstrou-se que existiu a formação de quatro grandes centros produtivos da primeira metade do século XX: Vale dos Sinos, Vale do Caí, Municípios de Porto Alegre e Pelotas. Além destes grandes centros produtivos, outras empresas surgiam em localidades diversas no interior do estado, como a empresa Polar localizada no município de Estrela/RS.

A partir da década de 1940 em diante inicia-se um movimento de decadência das cervejarias de capital gaúcho em detrimento do oligopólio produtivo que se delineava no Brasil. Nos quatro centros produtivos temos a inserção das empresas Brahma e Antarctica, as quais vão se consolidar no mercado Rio-grandense através de diversas aquisições empresariais.

Além do caso citado, outras cervejarias também seriam adquiridas no decorrer da segunda metade do século XX, por exemplo, a empresa Polar (1972) e a empresa Serramalte (1980). Neste momento histórico, a produção cervejeira no Rio Grande do Sul (e no Brasil de maneira geral) observara a consolidação das empresas oriundas do Sudeste como principais polos de produção, a quais irão dominar o mercado.

Por fim, constata-se que o movimento de gênese, consolidação e decadência da produção elencada na presente pesquisa, além de ser uma redução teórica da realidade, não é uma regra imutável, tendo em vista que após a década de 1990 se inicia um processo de renovação da produção cervejeira no estado, principalmente trazida a cabo por pequenas empresas, muitas das quais de origem familiar. Neste sentido, mesmo com uma estrutura ainda concentradora do setor, vislumbra-se no horizonte um movimento de renovação, o qual denota um desafio para o estado do Rio Grande do Sul nos anos porvir.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS. Gráfica e Editora Pallotti, 2012.
- ANTARTICA. **A história da cervejaria**. Disponível em: <<https://www.antartica.com.br/sobre-a-antartica/historia/1885>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. **Série histórica**. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/crescimento-populacional>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.
- BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.
- CIAVATTA, M. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-1960)**. Rio de Janeiro: Lamparina; CNPQ; Faperj, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000400007>
- CERVBRASIL. **Dados do setor cervejeiro**. Disponível em: <http://www.cervbrasil.org.br/novo_site/dados-do-setor/>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32ª ed. – Companhia Editora Nacional – São Paulo. 2005.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LEITE, Maria Alvim; PAULA, Arlete Rodrigues Vieira de; SILVA, Hiury Araújo. **Cerveja e Consumo**. Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade, São Paulo, Vol. 4 no 2, 2012.
- LIMBERGER, Silvia Cristina. **A emergência de microcervejarias diante da oligopolização do setor cervejeiro (Brasil e Espanha)**. Revista *Finisterra*, Lisboa, LII. 2017. <https://doi.org/10.18055/Finis10404>
- LIMBERGER, Silvia Cristina. **Estudo geoeconômico do setor cervejeiro no Brasil: estruturas oligopólicas e empresas marginais**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- MADEIRA, Juliana Salles. **Perfil do consumidor de cervejas especiais**. 2015. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2015.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Anuário da cerveja no Brasil - 2018**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/pasta-publicacoes-DIPOV/anuario-da-cerveja-no-brasil-2018>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO LINHA NOVA. **PROJETO DE LEI Nº 413/2015**. 2015.
- PEIXOTO, Luciana da Silva; CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Salvamento Arqueológico do centro histórico de Pelotas RS/Brasil**. Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio Grande, 2006.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo, Nacional, 1968.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, Hucitec. 1996.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Sérgio de Paula. **Os primórdios da cerveja no Brasil**. 2ª ed. – Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

Recebido em: 21/05/2019

Aceito para publicação em: 18/10/2019